

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

**SESSÃO SOLENE
DE
ABERTURA DO ANO LECTIVO 2002/2003**

ALOCUÇÃO PROFERIDA PELO REITOR
PROF. DOUTOR MANUEL JOSÉ DOS SANTOS SILVA

26 de Novembro de 2002

Senhor Secretário de Estado da Ciência e Tecnologia, Excelência

Senhor Capelão da Universidade, em representação de Sua Excelência
Reverendíssima o Bispo da Guarda

Senhor Governador Civil de Castelo Branco

Senhores Presidentes das Assembleias e Câmaras Municipais

Senhores Reitores, Vice-Reitores e seus representantes das Universidades
Portuguesas

Senhores Presidentes dos Institutos Politécnicos

Digníssimas Autoridades Civas, Militares, Judiciais, Religiosas e Académicas

Excelentíssimos Senhores Membros da Assembleia e do Senado da Universidade da
Beira Interior

Ilustres Professores, Assistentes e Investigadores

Senhora Presidente da Associação Académica

Estimados Alunos

Prezados Funcionários

Minhas Senhoras e Meus Senhores

As minhas primeiras palavras são para saudar e agradecer, sensibilizado, a todos os que se quiseram associar a esta cerimónia simbólica de abertura do ano lectivo 2002/2003.

A presença de Sua Excelência o Secretário de Estado da Ciência e Tecnologia é para nós uma honra, que agradeço, em nome da Instituição e em meu nome pessoal. Constitui, para nós, um gosto muito especial recebê-lo nesta sua Universidade, à qual já deu um valioso e efectivo contributo não só como docente, mas também na qualidade de membro do Governo.

Gostaria de saudar os Docentes, os Funcionários e os Alunos dos diversos graus de ensino ministrados, que são, naturalmente, a razão de ser da Instituição.

Aos primeiros, quero testemunhar o meu reconhecimento pelo esforço desenvolvido para colocar a Universidade da Beira Interior na vanguarda da investigação e da pedagogia e, uma vez mais, deixar uma palavra de estímulo para que a excelência prevaleça em todas as suas actividades.

Aos funcionários, agradeço o constante aperfeiçoamento no desempenho das suas funções, o que tem tornado possível melhorar o funcionamento de uma organização como a nossa, cada vez maior e mais complexa.

Formulo votos de boas vindas aos alunos que este ano ingressaram na UBI e desejo que aqui encontrem o bem estar indispensável para que possam adquirir uma sólida formação. Que esta Escola lhes permita, no futuro, serem excelentes profissionais e cidadãos participativos, de modo a contribuírem para uma sociedade cada vez melhor. Aos que iniciam a frequência de mais um ano escolar, faço sinceros votos para a continuação do seu processo de aprendizagem, a caminho da integração, tão breve quanto possível, no mundo do trabalho.

Esta cerimónia, como referi, simboliza a abertura do ano lectivo, mas foi sendo retardada para que tivéssemos a oportunidade de dar as boas vindas a todos os alunos. Na realidade, para a maioria dos estudantes as aulas começaram em

meados de Setembro; aqueles que ingressaram na 1ª Fase do concurso de acesso iniciaram as suas actividades em princípios de Outubro, enquanto que os da 2ª Fase só no princípio de Novembro iniciaram as suas aulas.

Não se justifica, de modo algum, que os alunos da 1ª Fase que se candidatam em Agosto só sejam colocados em fins de Setembro e, muito menos, que os alunos da 2ª Fase iniciem as suas actividades um mês depois do começo das aulas. Desta forma, são privados de quase um terço das actividades lectivas no 1º semestre, para além de serem obrigados, conjuntamente com os docentes, a um esforço acrescido para recuperarem o tempo perdido. Se a isto somarmos as actividades de recepção dos novos alunos, que, também por este motivo, se prolongam até meados de Novembro, o processo de aprendizagem de um número significativo de estudantes fica, naturalmente, comprometido.

De facto, com os meios informáticos de que hoje dispomos, não se compreende tal desfasamento. O processo da 1ª Fase deveria estar concluído na primeira quinzena de Setembro e o da 2ª Fase, no início de Outubro. O sistema actual é altamente perturbador e contribui fortemente para os níveis de insucesso do 1º ano, assim como para uma elevada taxa de abandono.

Transmito-lhe, Senhor Secretário de Estado, esta minha preocupação, na expectativa de que este assunto seja devidamente analisado.

Neste início de ano lectivo, quero igualmente saudar a Associação Académica e os seus Núcleos pelo dinamismo que têm demonstrado na organização de actividades de carácter pedagógico e científico que complementam a formação dos alunos e dão visibilidade à Instituição, não só pela qualidade dos eventos, mas também pelos distintos convidados que por seu intermédio nos visitam.

As actividades desportivas e culturais desenvolvidas merecem, igualmente, um destaque especial, pois, em alguns casos, colocam a cidade da Covilhã no centro das atenções da comunidade estudantil, a nível nacional e mesmo internacional. Estas actividades, desde que devidamente enquadradas, são um elemento importante para a integração daqueles que, chegados de novo à Universidade,

iniciam um conjunto de descobertas e realizações que constituem, estou certo, um momento marcante nas suas vidas.

Apesar da confusão reinante no Ensino Superior e da conhecida fase decrescente da curva demográfica, a UBI apresentou, no presente ano lectivo, um ligeiro crescimento do número de alunos em relação ao ano anterior. Em Licenciatura, passamos de 4533 para cerca de 4800 alunos, aos quais acrescem mais de 400 inscritos em Mestrado e Doutoramento.

Estamos convictos que, com as novas áreas do ensino ministrado e com o ajustamento, o encerramento e a transformação de cursos, continuará a verificar-se ainda algum crescimento nos próximos anos. Assim, para além da formação ao longo da vida, a UBI aposta quer em pós-graduações orientadas para um mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo, quer em doutoramentos, a exemplo do que vem acontecendo nas melhores escolas.

Não podemos deixar de lamentar o facto de o Ministério da Ciência e do Ensino Superior não ter atribuído vagas à Licenciatura em Cinema, área para a qual temos vindo a formar docentes e a criar infra-estruturas devidamente equipadas ao longo dos anos. Trata-se de uma arte que se encontra em franco desenvolvimento na Europa e no País, para a qual urge formar recursos humanos. Estamos certos que, conforme o acordado, no próximo ano lectivo serão atribuídas vagas a esta nova licenciatura.

Estamos a proceder a uma reflexão sobre o Plano de Desenvolvimento da Instituição, de modo a dialogarmos com o Ministério da Tutela e, em conjunto, traçarmos uma estratégia que poderá contribuir para o estabelecimento de uma verdadeira rede de Ensino Superior.

Apesar da localização geográfica, a UBI tem vindo a contribuir para uma inversão do fluxo migratório. Mas estamos conscientes que só poderá sobreviver se se afirmar pela excelência em todas as actividades desenvolvidas, e pela diferença relativamente às Universidades localizadas no litoral, de onde são oriundos os jovens em idade universitária. Os resultados estão já à vista: em dois anos

consecutivos, a UBI revelou-se a mais procurada no interior de Portugal, em termos de candidatura à primeira fase. De facto, só este ano, cerca de 70% dos alunos matriculados no primeiro ano escolheram a UBI como 1ª e 2ª opção.

A estratégia seguida tem sido a da fixação de um corpo docente devidamente qualificado que, neste momento, conta com 429 elementos (387 ETIs / 362 ETIs líquidos), dos quais 171 são doutorados. Estima-se que este corpo continue a crescer, tendo em consideração que 35% se encontra em formação, 50% dos quais dispensados de serviço. Neste momento, a UBI é uma das instituições com maior esforço desenvolvido em formação, a qual se estende igualmente ao pessoal não docente, que conta com 230 unidades do quadro e 46 contratados.

Não posso deixar de fazer uma referência ao dinamismo que o corpo docente tem posto no desenvolvimento de actividades de investigação e na procura incessante de financiamento adequado para as mesmas, através de candidaturas aos mais diferentes programas, entre os quais há a destacar os promovidos pela Fundação da Ciência e Tecnologia, e os contratos celebrados com instituições e empresas.

Temos laboratórios e oficinas que foram, na sua quase totalidade, equipados com receitas próprias, provenientes de contratos e acordos celebrados com empresas, através da realização de investigação aplicada e em consórcio. Mas, apesar deste dinamismo e do bom equipamento de que se dispõe em muitas e variadas áreas, há algumas que necessitam de um apoio específico para reequipamento e outras de um suporte que lhes permita criar as estruturas de base.

Está neste último caso o Centro de Investigação em Ciências da Saúde, recentemente visitado pelo Vice-Presidente da Fundação de Ciência e Tecnologia, que nos manifestou o seu apoio, pelo que estamos certos que o Senhor Ministro da Ciência e Ensino Superior irá desbloquear o respectivo financiamento em curto prazo.

A formação de recursos humanos altamente qualificados é o melhor contributo que a Instituição pode dar ao País e à Região. A UBI conta actualmente com 31 cursos de licenciatura em funcionamento, 24 Mestrados e 24 ramos de Doutoramento.

Factor da maior importância para o bem estar dos alunos e, conseqüentemente, de contribuição para o sucesso escolar são, sem dúvida alguma, os Serviços de Acção Social que, com os seus 120 funcionários, garantem uma qualidade de vida cada vez melhor à população universitária, através de uma rede de bares, cantinas, instalações desportivas e residências, onde são alojados 470 alunos, para além de um centro de apoio médico e desportivo. Apesar de contarmos com uma das melhores taxas de alojamento, não podemos esquecer que 80% dos alunos são deslocados, pelo que esperamos, no decorrer do ano lectivo, inaugurar uma nova residência com cerca de 400 camas. No ano transacto, 37,2%, dos alunos beneficiaram de bolsas de estudo, representando o seu montante global 45% do orçamento dos Serviços de Acção Social.

Para além dos meios humanos qualificados, o ambiente proporcionado aos alunos é um elemento fundamental para a formação e desenvolvimento de todas as suas actividades e daí a importância que temos dado, e continuaremos a dar, à construção de estruturas físicas de qualidade. De entre as que foram inauguradas recentemente, permitam-me que destaque a Biblioteca Central que, para além da própria função, se pode considerar como um verdadeiro Centro de Informação, Cultura e Encontro, aberto à cidade e à região e que considero um elemento extremamente importante para a promoção do sucesso escolar na sua globalidade.

Na realidade, a Universidade deve ser um centro em que os alunos aprendam a aprender, a pensar e a resolver os problemas de uma forma independente, a fim de que se preparem para continuar a aprender ao longo da vida. Assim, a Instituição terá que lhes facilitar os meios para que tal possa acontecer, responsabilizando-os cada vez mais pelo seu processo de aprendizagem.

Tem sido reconhecido que, nas últimas três décadas, o principal factor de desenvolvimento de grande parte do território nacional foi a criação da rede de Ensino Superior no Interior, em 1973, no âmbito da reforma Veiga Simão.

Mas não é possível sustentar o progresso desta vasta região se o Governo não implementar medidas de discriminação positiva, que permitam a fixação de

empresas e o desenvolvimento das existentes. Há que incrementar a interacção destas com a Universidade, aproveitando o potencial humano e os recursos existentes em laboratórios, centros de investigação e bibliotecas, fornecendo à instituição material de investigação e financiamento adequado às suas actividades. Uma universidade forte e dinâmica necessita de um tecido empresarial activo e um meio empresarial de sucesso precisa de uma universidade aberta e inovadora, como a nossa!

Também as autarquias devem zelar pelo bom ambiente urbano e incentivar, na medida das suas possibilidades, a atracção de empresas inovadoras para o concelho. A criação deste tipo de empresas é fundamental para a fixação de meios humanos qualificados, caso contrário, as cidades do Interior converter-se-ão em meros centros de passagem para os jovens.

No domínio das infra-estruturas e apesar das metas atingidas, nomeadamente na qualidade das mesmas, urge continuar com o Plano de Desenvolvimento apresentado ao Ministério da Tutela e com as candidaturas apresentadas ao PRODEP.

Em 2002 foram contemplados em PIDDAC alguns empreendimentos que acabaram por ser congelados, tendo mesmo desaparecido do programa para 2003. Neste momento, encontram-se apenas inscritos, com montantes irrisórios, a Faculdade de Ciências da Saúde e o Complexo Pedagógico das Ciências do Desporto.

No Pólo da Carpinteira, urge implementar uma nova unidade alimentar e dotar as Artes e Letras de instalações adequadas, pois o espaço útil para aulas é inferior a 1m²/aluno, procedendo à recuperação de um edifício, já propriedade da UBI, adquirido com receitas próprias.

Inauguramos hoje um edifício que, mais uma vez, resulta da recuperação de uma antiga Fábrica de Lanifícios, representativo do património industrial covilhanense, adquirido (em 2001 por 125 mil euros) e recuperado com receitas próprias (410 mil euros), o qual se encontra integrado no *Conjunto Fabril da Fonte do Lameiro*.

Das primitivas empresas que, de acordo com o *Inquérito Industrial* de 1881 laboravam no local, subsistem ainda as estruturas das râmolas de sol, no tardo da fábrica, e os portões de acesso, em ferro fundido, um dos quais datado de 1901. Ali funcionou uma tinturaria até 1931, associada a um tinte medieval, tendo a fábrica sido edificada em finais dos anos trinta, para se instalar uma *Oficina de Tecelagem*. Esta daria lugar a uma firma que viria a ser continuada por António Gomes, até 1955. A partir de 1960, esta fábrica esteve alugada à firma *Paulo de Oliveira Lda.*, até que, em 1973, passou a ser ocupada pela oficina Maximauto.

Este espaço permitirá albergar definitivamente os Serviços Técnicos da Universidade, serviços da maior importância, cujos funcionários, apesar de ao longo de vários anos se encontrarem instalados em situação precária e de terem mudado várias vezes de instalações, nunca deixaram de, empenhadamente, cumprir as suas funções para que professores e alunos vissem as suas condições melhoradas. Aproveito para lhes agradecer, em meu nome pessoal e da Instituição, toda a sua compreensão.

Os funcionários dos Serviços Centrais da Reitoria, alguns dos quais instalados em vãos de escada, merecem um espaço adequado para o desempenho das suas funções, que têm cumprido com zelo e dedicação. Este foi um dos projectos que, tendo sido congelado em 2002, se esfumou.

Com a dimensão que a UBI vem adquirindo e com os eventos que nela se realizam, não só no âmbito da Universidade, mas da região, há absoluta necessidade de dispor de um Auditório com dimensão adequada.

A Faculdade de Ciências da Saúde, com o projecto realizado e com o respectivo programa preliminar aprovado deverá merecer a aprovação pela tutela, para se proceder à abertura do concurso, a fim de que a obra se inicie atempadamente, em 2003, para o que é absolutamente necessário mobilizar fundos através do PRODEP / FEDER, dada a exiguidade contemplada em PIDDAC.

A aquisição dos terrenos do Pólo das Ciências da Saúde, necessitando de uma Resolução do Conselho de Ministros para tal, tem tido um desenrolar no mínimo intrincado, pois tratando-se na sua maioria da aplicação de receitas próprias, que contribuem para a comparticipação nacional, a Direcção Geral do Património (Ministério das Finanças) não tem avançado com o processo, apesar do empenho pessoal de Sua Excelência o Ministro da Ciência e do Ensino Superior, que agradecemos vivamente.

Apesar de a Faculdade neste momento dispor de instalações provisórias dignas e bem apetrechadas, estas dificilmente comportarão, em condições normais, os alunos para além do 3º ano da Licenciatura, urgindo a construção das instalações definitivas na proximidade do Hospital da Cova da Beira.

Na realidade, o modelo pedagógico inovador que está a ser seguido na Faculdade de Ciências da Saúde, tem contado, desde a primeira hora, com a disponibilidade e empenho de todas as Instituições de Saúde da Beira Interior, que agradeço, e sem as quais não seria possível desenvolver e fazer formação em Medicina.

Hoje teremos o prazer e a honra de ouvir o Senhor Professor Júlio Feroso Garcia falar-nos de um tema da maior importância e ao qual tem dedicado a sua vida, para que a sociedade em geral possa vir a ter melhores condições de saúde. A Oração de Sapiência tem por título “Um Novo Médico para um Novo Século”.

Detentor de um *curriculum* que não necessita de apresentação, o Prof. Júlio Feroso tem-nos brindado com uma relação de dedicação, estima e amizade, que tem vindo a consolidar-se desde os tempos em que foi Reitor da Universidade de Salamanca.

Como Professor Catedrático Convidado e Conselheiro Científico da Faculdade de Ciências da Saúde, tem-se empenhado e dado o seu melhor na organização e desenvolvimento da Licenciatura em Medicina. Sem ele, teria sido mais difícil levar a bom termo o modelo que nos propusemos seguir, desde a primeira hora.

Permita-me, Senhor Professor, que, em meu nome pessoal e institucional, lhe agradeça reconhecidamente toda a dedicação à causa da Medicina na Universidade da Beira Interior.

Na sequência desta cerimónia, inauguramos, nas Galerias do Museu de Lanifícios, uma exposição sobre “Composições Têxteis”. Trata-se de uma exposição colectiva de trabalhos têxteis criados especificamente para este evento por Ana Negreiros Vaz, Filipa Pinto de Oliveira, Pepita Arnaut Syder e Virgínia Capoto, que integram o grupo de produção artesanal denominado *Temperamental Design*.

As obras expostas, de uma grande diversidade de cores e texturas, visam, a par da modernidade, proporcionar conforto. Constituem peças que aliam, como características dominantes, tradição e inovação, arrojo e sobriedade. Às autoras, o meu agradecimento por se terem associado a esta cerimónia e proporcionarem à comunidade desfrutar de uma mostra artística de tão alta qualidade.

Agradeço igualmente à Senhora Dr^a Elisa Pinheiro toda a sua dedicação ao Museu de Lanifícios, ao qual foi atribuído recentemente, pela Associação Portuguesa de Museologia, o Prémio “Melhor Museu”, no triénio de 1999 a 2001.

Senhor Secretário de Estado, Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Ao longo da minha intervenção fui tecendo algumas considerações sobre a nossa Instituição e algumas carências e restrições a que tem vindo a ser sujeita.

Ao contrário de muitos, sou daqueles que afirma que muito se fez em Portugal no domínio do Ensino Superior e da Ciência. O aumento do número de alunos, a qualificação dos docentes e os investimentos realizados são a prova disso.

Neste momento, face à actual diminuição do número de candidatos, relativamente às vagas oferecidas pelo Ensino Superior, é urgente repensar-se este tipo de ensino, não esquecendo a articulação e a reestruturação dos que o antecedem.

O CRUP tem feito várias reflexões e elaborado projectos contemplando vários temas considerados críticos, como o Processo de Bolonha, o ECDU, modelos de financiamento, etc.

Sou um acérrimo defensor da autonomia universitária que, diga-se de passagem, tem sido vítima de vários ataques ultimamente, talvez por carecer de uma definição mais clara, de modo a não ficar sujeita às vicissitudes decorrentes das mais diversas conjunturas.

As Universidades integradas na organização pública autónoma do Estado deverão dispor de legislação que lhes possibilite enquadrar a gestão dos recursos humanos, patrimoniais e financeiros, quantificados por fórmulas adequadas, mas também que lhes permita uma gestão por objectivos e não as deixe à mercê de alterações sujeitas a imprevistos e rompimento de compromissos, como tem acontecido. Autonomia exige responsabilização e, como tal, deve prosseguir-se com um sistema de auditorias e avaliação do desempenho que credibilizem a prestação de contas à sociedade.

Este ano, à semelhança de outros, mas talvez de uma forma mais gravosa, em vez de se apostar numa reflexão profunda sobre os reais problemas do Ensino Superior - em que, para além dos que indiquei, haverá que não esquecer a definição clara dos objectivos do Ensino Universitário e Politécnico -, tem havido um desgaste incompreensível e uma enorme perda de tempo com a discussão do orçamento, pondo-se em causa a exequibilidade do mesmo em 2003, e em risco o normal funcionamento das instituições.

Portugal atravessa um período económico e financeiro delicado, e todos, sem excepção, deverão contribuir para o superar, mas o diferencial do orçamento em causa para o conjunto das Universidades, e que tanta tinta tem feito correr, é, no mínimo, ridículo quando comparado com o que se gasta em outros sectores.

As Universidades, a partir da introdução da fórmula de financiamento, nunca causaram “buracos” no orçamento. A grande questão tem sido sempre o afastamento, cada vez maior, do orçamento de estado transferido em relação ao orçamento padrão calculado, que permitiria garantir um funcionamento normal. Na UBI, em 2002, os gastos com pessoal representarão mais de 90 % do orçamento de estado transferido.

Há que preservar, a todo o custo, o princípio da fórmula de financiamento, com as necessárias adaptações aos tempos em que vivemos e atendendo às especificidades das Instituições.

Já referi que as Universidades devem ser abertas e dinâmicas, estender-se a novos públicos, atribuir diplomas, além dos graus, fomentando a reciclagem e a formação ao longo da vida. Em simultâneo, há que incentivar a realização de receitas próprias e aplicá-las no aumento do património da Instituição, de forma a promover a melhoria das condições de ensino e investigação.

Mais uma vez, este ano e de uma forma incompreensível, as universidades foram vítimas de um ataque acérrimo, voltando a problemática dos saldos a ser explorada da forma mais negativa possível. Os saldos, na sua maioria, são receitas próprias consignadas e provenientes de projectos e contratos de investigação. Para além de comprometidos, constituem um sustentáculo que permite às instituições não entrarem em rotura e fomentar uma das actividades mais nobres da instituição universitária que é a criação do saber através da investigação.

Alonguei demasiado a minha intervenção, pelo que peço desculpa. Termino, agradecendo reconhecidamente o apoio prestado pela comunidade e, em particular, pelos amigos que nos deram o prazer de hoje nos acompanhar e que são também o testemunho da confiança que em nós depositam.

Bem hajam.

Covilhã e UBI, em 26 de Novembro de 2002